

## A DANÇA DE CÉLIA GOUVÊA NA FRANÇA A BAILARINA E COREÓGRAFA BRASILEIRA DEVE TRAZER ESPETÁCULO AO PAÍS NO 2º SEMESTRE.

Ilana Seltzer Goldstein

PARIS – A bailarina e coreógrafa brasileira Célia Gouvêa apresentou Cinechoronariographie – Um chantier Choréographique este mês em Paris. O espetáculo, que provavelmente vai ao Brasil no segundo semestre, é fruto de dois anos de pesquisas na França, viabilizadas por uma Bolsa Virtuose do Ministério da Cultura. A Bolsa Virtuose é concedida a artistas brasileiros com trabalho já maduro e possibilita a estada em companhias e centros internacionais. Célia Gouvêa passou o ano de 1999 em Lyon, na renomada companhia de Maguy Marin, e 2000 esteve em Paris, no Théâtre du Soleil, dirigido pela não menos prestigiada Ariane Mnouchkine. Da temporada francesa resultaram três trabalhos principais: o espetáculo Mãe Tzé Tza, apresentado no ano passado, a direção do enorme desfile de rua que abriu a última Bienal de Dança de Lyon e Cinechoronariographie, em cujo elenco estão, além da própria Célia, outros três intérpretes: Agnès Denis, Alex Roccoli e Maurice Vaneau.

Para quem não a conhece, essa veterana da dança brasileira iniciou sua formação participando da primeira turma da Escola Mudra, criada em 1970 por Maurice Béjart em Bruxelas. Em meados da década de 70, fundou com colegas o curso de Béjart, o grupo Chandra – de onde saíram outros nomes importantes das artes cênicas contemporâneas, como Juliana Carneiro da Cunha. De volta ao Brasil, em 1974, Célia e o marido Maurice Vaneau (ator, bailarino e diretor) ajudaram a fazer do Teatro Galpão, durante a ditadura, um espaço importante para a criação livre de dança. Desde então, Célia concebeu e participou de mais de 40 espetáculos, em geral muito aplaudidos pela crítica especializada, como Caminhada (1974), Trem Fantasma (1979), Assim Seja (1984) e Festarola (1988).

Apesar de o balé clássico ter sido a base de sua formação, a artista incorporou, ao longo dos 25 anos de carreira, diversas influências e técnicas, entre as quais, recentemente, a release technique. Surgida nos anos 90 nos Estados Unidos, a técnica release ajuda o dançarino a conhecer seus limites e possibilidades musculares, evitando o esforço físico desnecessário e atingindo uma maior organicidade no movimento. O diálogo como outras linguagens artísticas é uma segunda marca de sua produção atual, na qual música, texto, cenário e trabalho de ator têm papel fundamental.

As primeiras apresentações de Cinechoronariographie foram na sala de ensaios do Théâtre du Soleil, em atmosfera intimista e de experimentação – o que aliás combina com o subtítulo, que se poderia traduzir por “um canteiro coreográfico”. A (cúmplice) trilha sonora, composta especialmente por Carlos Bernardo, músico brasileiro que trabalha para o Théâtre du Soleil, é entrecortada por falas criadas pela própria coreógrafa e por citações dos médicos Antonio Damasio (Le Sentiment Même de Soi, Odile Jacob, 1999) e Martin Wrinckler (La Maladie de Sachs, Pol, 1999). “Cada indivíduo produz, ao menos, 500 ml de urina por dia.” Frases como essa, que poderiam soar grotescas fora do contexto, ajudam a revelar os dois pilares fundamentais do

\* In: **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 fev. 2001, p.D7. Caderno 2

espetáculo de Célia Gouvêa: a rotina e o corpo.

A nova coreografia parece, em primeiro lugar, constituir-se numa metacoreografia. O corpo fala do corpo, por meio da dança e dos textos. O nome Cinechoronariographie sugere por si só uma viagem profunda para dentro do corpo humano. Cineangiocoronariografia é o nome sofisticado e invasivo exame cardiológico, no qual um cateter com uma microcâmera permite a visualização de detalhes do coração numa tela. Célia Gouvêa afirma que pretende justamente abordar a fragilidade e vulnerabilidade do corpo. Talvez por isso os movimentos pulsantes, como sístoles e diástoles e a exposição permanente, cheia de humanidade, do corpo idoso de um dos bailarinos.

Sem sair do tema da passagem do tempo, a coreografia reflete, em segundo lugar, sobre “o lado sagrado da rotina” e “a acumulação de pegadas”. Alex Roccoli veste e tira, dobra e desdobra, sucessivamente, blazers e paletós, compondo por vezes figuras muito plásticas, como um gigante sem cabeça. Agnès Denis recolhe, organiza e amassa páginas de jornal, em uma alegoria da memória e do cotidiano repetitivo. O espectador se angustia e se identifica com tais atividades – quase sem sentido, infindáveis, embora necessárias e às vezes até agradáveis – que preenchem nosso cotidiano de Sísifos. Se o termo não estivesse fora da moda, diria que o novo trabalho de Célia Gouvêa é quase dança conceitual.